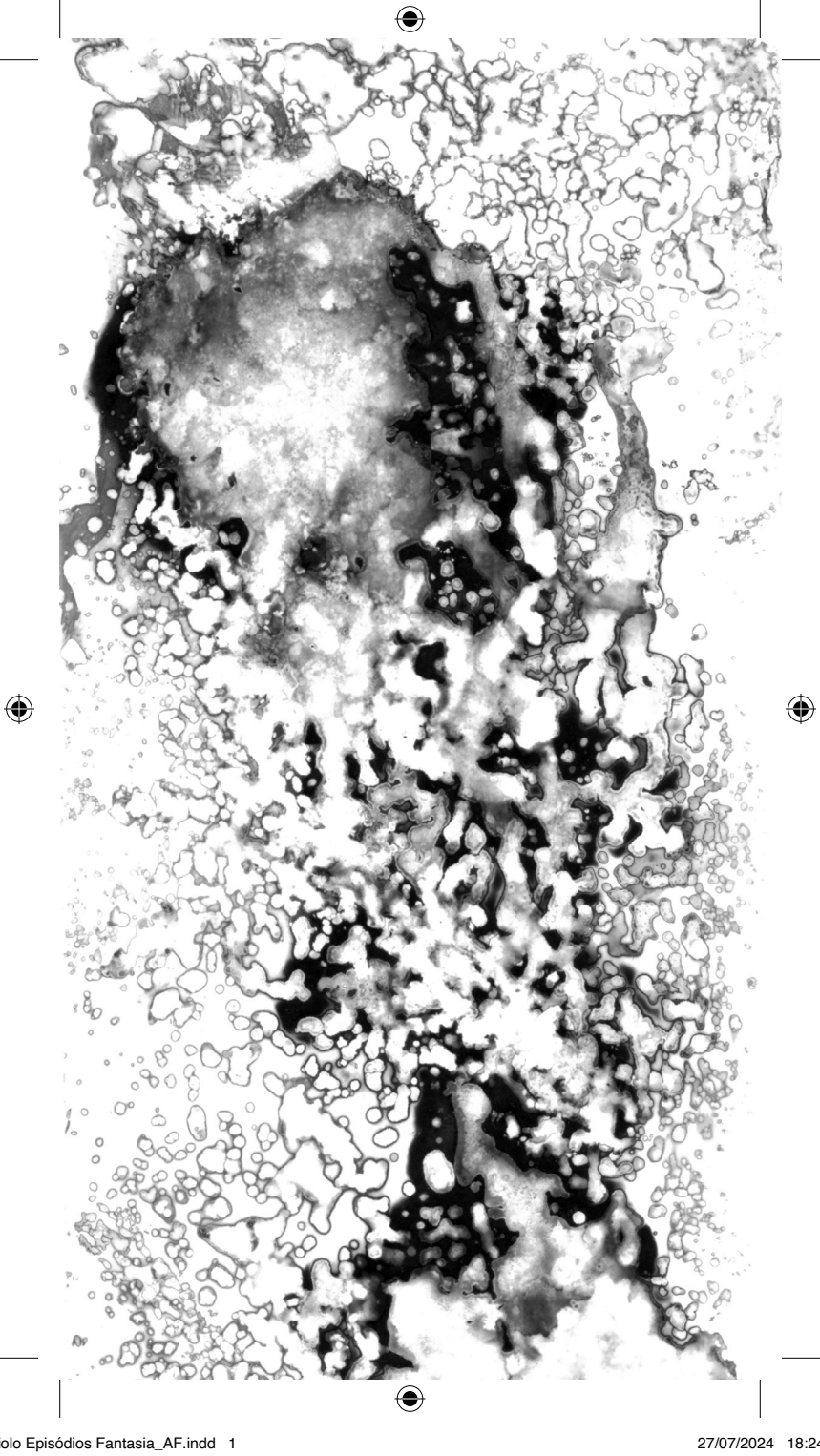






p. feijó é escritora, investigadora e militante da monstruosidade, enquanto teoria e práxis de lutas minoritárias (deficiente, feminista, cuir, anti-racista, de classe). Licenciada em Estudos Gerais na Universidade de Lisboa, concluiu mestrado em História e Filosofia da Ciência na Universidade de Cambridge. É doutoranda em Retórica na Universidade da Califórnia, Berkeley.

Publicou *Bichxs de Merda: Aristóteles, Fêmeas e Outros Monstros De-generativos* (maio maio edições, 2023), é autora do prefácio das edições portuguesas do *Manifesto Contra-Sexual*, de Paul B. Preciado (Orfeu Negro, 2019; Unipop, 2015), e tem colaborado com as revistas *Electra*, *Umbigo* e *Bestiário*. **Episódios de Fantasia & Violência** é o seu primeiro livro na Orfeu Negro.





p. feijó

Episódios de Fantasia & Violência

TÍTULO

Episódios de Fantasia & Violência

AUTORA

p. feijó

REVISÃO

Nuno Quintas | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Europress — Indústria Gráfica

COPYRIGHT

© 2024 p. feijó

© 2024 Orfeu Negro

Imagens © p. feijó

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Agosto 2024

DL 535623/24

ISBN 978-989-9225-02-2

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

ao «afonso»
à Lara Crespo

a quem, todos os dias, escreve os episódios



xXx

carne—ferida—cicatriz.

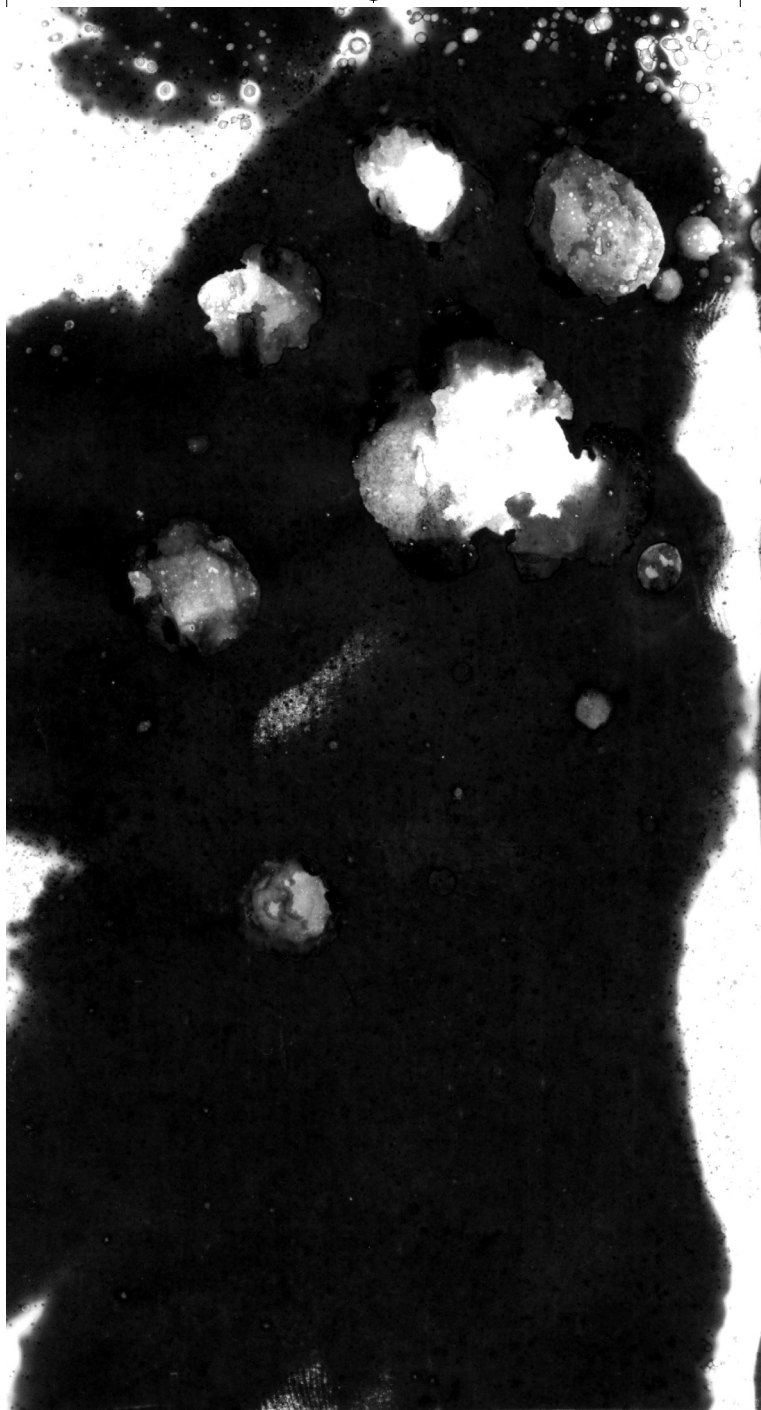
Acontece de novo. Desço a rua e passo por três gajos a falarem em frente a um restaurante. Dá-se um silêncio — e, mal lhes dou as costas, um deles diz algo e todos riem. Não oiço, mas sei que é sobre mim. Há uma cadência muito específica na conversa, no quebrar do silêncio, no irromper do riso. Por mais que não se queira, aprende-se a reconhecer estas coisas.

Pela nona vez nesse dia, tenho de decidir continuar a andar de cabeça erguida, ou voltar atrás e confrontar o que me bateu. A violência não é de soma nula, não tem quantidade — e não há choque sem tremores.

É sempre um jogo arriscado o confronto, o impacto com outro corpo. Nunca sei como vai reagir. Não sei se se vai encolher em surpresa ou encher-se para evitar o embaraço. Não sei se vai saltar para a frente, se para trás. O confronto é sempre um jogo arriscado: nunca se sabe onde cai um corpo que perde o balanço.

Mas, naquele momento, o balanço já o perdi eu. O corpo dele está ali, estável. Mas eu perdi o chão. Esse riso basta para me deixar suspensa, no meio do ar, em queda.

eu, feita de vulnerável.
eu, toda veia e carne.
eu, apneia da dor.





xx

Por mais erguida a cabeça, seguir em frente não chega para sobreviver. Nem «não lhes ligo». O próprio conselho, por mais bem-intencionado, revela um abismo e converte-se em solidão. É o abismo entre a testemunha que lê um inconveniente e um corpo a sentir uma racha abrir-se funda.

Porque a verdade é que me destrói. Destrói-me todos os dias. Deixar passar aquele gajo sem partilhar da violência que me causou, deixá-lo passar sem que da próxima vez pense duas vezes antes de repetir a brincadeira. Destrói-me engolir a violência que, incolumemente, de forma tão gratuita, ele se sentiu à vontade em atirar para cima de mim, na certeza de que não ia apanhar com nada de volta.

Mas apanhou. Apanhou comigo. Que eu voltei. «O que é que disseste?», perguntei, a um palmo da cara dele. «Vá lá, cabrão, diz lá outra vez o que é que disseste!» Ele parece ficar sem ar, engole em seco. Da minha apneia faço-lhe sufoco. Não consegue falar. Os outros dois gajos tentam acalmar-me e resolver a situação mas: «Não estou a falar convosco» — calo-os. «Não estou a falar convosco. Que caralho é que disseste?» Silêncio. «Tem piada dizer as coisas nas costas de uma panela, não tem, cabrão? Depois

não te esqueças de contar aos teus amiguinhos que não tiveste colhões para mo dizer na cara.»

passo suave, anca balouçante, afasto-me de um silêncio absoluto.